

REGISTRO BOTÂNICO DA EXPEDIÇÃO DE LANGSDORFF AO INTERIOR DO RIO DE JANEIRO E MINAS GERAIS (1824-1825)

Andre Luiz Gomes da Silva

Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior

Amanda Almeida de Araújo

Universidade Federal Fluminense

Renata Mello

Universidade Federal Fluminense

Resumo

Este artigo analisa os registros botânicos presentes no primeiro diário de campo de Georg Heinrich von Langsdorff, produzido durante a etapa inicial da Expedição Langsdorff ao interior do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, entre 1824 e 1825. A pesquisa, de caráter qualitativo, documental e histórico, baseou-se na leitura sistemática do diário, com identificação e transcrição das citações botânicas, incluindo nomes vernáculos e científicos, descrições de ambientes, referências de uso e observações sobre disponibilidade de espécies. A partir desse levantamento, os registros foram confrontados com a atualização nomenclatural proposta por Stehmann e com dados da plataforma Re flora. Os resultados evidenciam que o diário reúne menções heterogêneas, que articulam inventário naturalista, observação ecológica e saberes locais sobre plantas medicinais, alimentares e utilitárias. As citações revelam a travessia de diferentes paisagens vegetais, incluindo áreas de Mata Atlântica, cerrado e campos rupestres, além de documentarem práticas de coleta, circulação de espécimes e usos terapêuticos de espécies como guaco, jaborandi, mil-homens e ipecacuanha. O estudo demonstra que o diário de Langsdorff constitui fonte relevante para a história das ciências e para a história ambiental, ao registrar não apenas a diversidade florística do percurso, mas também relações entre exploração de recursos, circulação de conhecimentos e produção do saber botânico no Brasil oitocentista.

Palavras-chave: Expedição Langsdorff; história da botânica; Ludwig Riedel; flora brasileira; século XIX.

Abstract

This article examines the botanical records contained in Georg Heinrich von Langsdorff's first field diary, produced during the initial stage of the Langsdorff Expedition through the interior of Rio de Janeiro and Minas Gerais, Brazil, between 1824 and 1825. Adopting a qualitative, documentary, and historical approach, the study is based on a systematic reading of the diary, with emphasis on botanical references, including vernacular and scientific names, environmental descriptions, reported plant uses, and observations on species occurrence and availability. These records were compared with the botanical revisions proposed by Stehmann and with updated data from the Re flora database, allowing

nomenclatural revision and the identification, whenever possible, of the taxa mentioned in the manuscript. The findings show that the diary brings together heterogeneous records that combine natural history inventory, ecological observation, and local knowledge of medicinal, food, and utilitarian plants. The botanical references also reflect the expedition's passage through distinct vegetation formations, including the Atlantic Forest, Cerrado, and rocky grasslands, while documenting collecting practices and the circulation of specimens. The study argues that Langsdorff's diary is a valuable source for the history of science and environmental history, as it records not only the floristic diversity observed along the route but also the connections between resource use, knowledge circulation, and the production of botanical knowledge in nineteenth-century Brazil.

Keywords: Langsdorff Expedition; history of botany; Ludwig Riedel; Brazilian flora; nineteenth century.

INTRODUÇÃO

A história das ciências investiga não apenas um conjunto de ideias, mas formas de conhecimento e práticas socioculturais situadas em contextos históricos específicos. Nessa perspectiva, ganham centralidade os agentes e suas trajetórias, os espaços institucionais e materiais onde o conhecimento é produzido, como laboratórios, museus, instituições de ensino e pesquisa e expedições e as formas de registro e comunicação desse saber para diferentes públicos. Tal abordagem permite compreender a ciência em diálogo com valores, disputas e critérios epistemológicos, sociais e institucionais próprios de cada contexto histórico, evitando anacronismos e privilegiando a historicidade do fazer científico em determinado tempo histórico (DANTES, 2001).

Entre as iniciativas que marcaram a produção de conhecimento sobre a natureza brasileira no século XIX destaca-se a Expedição Langsdorff, empreendimento científico de alcance transnacional conduzido por Georg Heinrich von Langsdorff, naturalista prussiano, médico e diplomata a serviço do Império Russo. Entre 1824 e 1829, Langsdorff liderou uma longa viagem pelo interior do país, registrando o percurso e suas observações em uma série de diários de campo (KOMISSAROV, 1992; SILVA, 1997a,b,c; LUVIZOTTO, 2012).

A etapa inicial da expedição ocorreu em 1824, quando o grupo partiu da Fazenda da Mandioca, situada ao pé da Serra da Estrela, no atual município de Magé (RJ), e alcançou Minas Gerais até o ano de 1825. Esse percurso foi registrado no primeiro diário de campo, posteriormente traduzido e organizado por Silva (1997a). Nos anos seguintes a expedição avançaria para outras regiões do país, incluindo São Paulo, Goiás, Mato Grosso e Amazonas, trajetos registrados no segundo e no terceiro diários de campo (SILVA, 1997b,c).

Os diários registram o cotidiano da viagem e reúnem descrições e dados sobre fazendas, cidades, vilas, minas e vias de comunicação, além de observações sobre populações locais, pessoas escravizadas e povos originários. Paralelamente, apresentam notas sobre botânica, zoologia, geografia física e econômica, comércio, estatística, história e linguística, entre outros temas considerados relevantes pelo naturalista. Segundo Komissarov (1992) e Braga (1993), esses registros abrangem mais de 300 cidades e cerca de 200 povoações do interior do país.

Além dos relatos escritos, a expedição reuniu um vasto acervo de cultura material e natural, registros de campo, gravuras, animais taxidermizados e plantas herborizadas. Após a partida de Langsdorff para a Alemanha, em 1829, esse material foi enviado à Rússia e permaneceu fora de circulação por décadas, sendo redescoberto em 1930 nos depósitos do Museu do Jardim Botânico de São Petersburgo (BANCO DO BRASIL, 2010).

Do ponto de vista da história das ciências, a Expedição Langsdorff constituiu um empreendimento coletivo e transnacional, envolvendo especialistas de diferentes áreas e uma complexa divisão do trabalho científico em campo. Entre os participantes destacavam-se, o botânico Ludwig Riedel, os pintores Johann Moritz Rugendas, Aimé-Adrien Taunay e Antoine Hercule Romuald Florence, o zoólogo Jean-Maurice Édouard Ménétrières e o astrônomo-cartógrafo Néster Graviolovitch Rubtsov. A realização das atividades em campo dependia ainda do trabalho de pessoas escravizadas, guias, caçadores e remadores, responsáveis por atividades logísticas e por parte significativa do esforço necessário às coletas e deslocamento ao longo do percurso (MELNIXENCO, 2011; SILVA & ARAÚJO, 2022).

No âmbito das atividades botânicas, Ludwig Riedel (1790–1861) desempenhou papel decisivo como principal responsável pelas coletas e pelo registro botânico em campo, aspecto ressaltado nas notas botânicas editoriais do primeiro volume do diário (STEHMANN, 1997). Essa divisão de tarefas ajuda a compreender o caráter, por vezes, heterogêneo das menções a plantas presentes nos diários de Langsdorff, que incluem desde nomes vernáculos e descrições sumárias, até observações sobre usos locais e, em alguns casos, indicações próximas de um inventário naturalista.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar as citações botânicas presentes no primeiro diário de campo de Georg Heinrich von Langsdorff, produzido durante a etapa inicial da expedição entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais (1824–1825), ao longo de trajetos associados à antiga Estrada Real (Caminho Novo ou Caminho do Proença). Busca-se identificar as plantas mencionadas, confrontando as designações e descrições empregadas pelo naturalista com a nomenclatura botânica atual, sempre que possível, bem como mapear

ambientes e usos associados a essas espécies. Ao sistematizar esse conjunto de registros botânicos, o estudo permite compreender aspectos da construção histórica do conhecimento sobre a flora tropical brasileira, evidenciando como as expedições científicas do século XIX contribuíram para a produção e circulação de saberes naturalistas sobre os ambientes do Brasil.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, de natureza documental e histórica, tendo como principal fonte o primeiro diário de campo de Langsdorff. Esse registro corresponde ao trecho da expedição realizada do Rio de Janeiro à Minas Gerais entre o dia 08 de maio de 1824 e 17 de fevereiro de 1825, traduzido e organizado por Silva (1997a). Inicialmente, foi realizada leitura integral e sistemática desse diário, identificando e transcrevendo todas as citações botânicas, fossem elas nomes vernáculos, denominações científicas, descrições morfológicas, referências a habitats ou a usos econômicos. A partir desse levantamento, foi elaborada uma lista de plantas, na qual cada registro foi associado ao trecho do diário, à localidade mencionada, ao tipo de ambiente descrito e, quando presente, ao uso atribuído às espécies.

Em seguida, procedeu-se à identificação e atualização nomenclatural, sempre que possível, das espécies citadas nos diários elaboradas pelo Prof. Dr. João Renato Stehmann (SILVA, 1997a) e a consultas à base de dados REFLORA (2025). Para cada táxon buscou-se o nome científico atualmente aceito, seus sinônimos, família, forma de vida e informações sobre distribuição geográfica e fitofisionomias de ocorrência, sempre que possível. Nos casos em que a correspondência entre o termo utilizado por Langsdorff e um táxon atual não pôde ser estabelecida de forma inequívoca, o registro foi mantido como indeterminado, com indicação de possíveis grupos taxonômicos. A lista final de plantas foi organizada por família, gênero e espécie, permitindo a análise da composição florística mencionada no diário e a discussão das relações entre o olhar de Langsdorff sobre a flora do interior do Brasil oitocentista e o conhecimento sistematizado na botânica contemporânea.

NOTAS BOTÂNICAS

A expedição de Langsdorff partiu da Fazenda da Mandioca, localizada na atual Vila Inhomirim – Magé – RJ, até Minas Gerais pela antiga Estrada Real. As citações botânicas presentes no primeiro diário revelam um conjunto de registros de natureza heterogênea, nomes científicos e vernáculos, descrições de ambiente, menções a usos e observações sobre

disponibilidade de espécies que, em conjunto, oferecem um recorte da flora encontrada ao longo do trajeto do Rio de Janeiro a Minas Gerais. Essa heterogeneidade não constitui um problema do documento, mas uma característica da prática de campo e da escrita de viagem. Conforme sintetiza Stehmann (1997), o diário combina o olhar médico-naturalista de Langsdorff com o trabalho botânico sistemático executado sobretudo por Riedel, o que aproxima as plantas tanto de um inventário quanto de um repertório de aplicações locais, em especial medicinais.

Do ponto de vista ecológico, o itinerário RJ–MG atravessa transições marcantes de paisagem e formações vegetais, o que contribui para a diversidade de famílias e hábitos registrados no diário. As notas botânicas ressaltam a passagem por ambientes associados à Mata Atlântica e a formações do interior do estado de Minas Gerais, incluindo áreas relacionadas ao cerrado. Destacam-se, de modo particularmente notável, os campos rupestres em áreas elevadas como na Serra do Cipó, frequentemente assinaladas pela expressividade de certos grupos florísticos (STEHMANN, 1997). Assim, a composição taxonômica observada nas citações pode ser interpretada não apenas como “lista de espécies”, mas como um indicador histórico de mudanças ambientais ao longo do percurso.

A articulação com a *Flora Brasiliensis* reforça a centralidade da região percorrida pela expedição no mapeamento oitocentista da flora brasileira. Entre as paisagens ilustradas na obra, figuram legendas que remetem diretamente ao percurso de Langsdorff, de Riedel e dos outros integrantes da expedição, como “*Silva rorida in jugo Serra d’Estrella, prov. Sebastianopolitanae*” (Tradução livre: A floresta orvalhada – ou úmida - na cadeia de montanhas da Serra da Estrela, Província de Sebastianopolitana (São Sebastião do Rio de Janeiro) (Figura 1) e “*Cultura Coëae in praediointeroppidum Magé et Montes Serra dos Orgãos*” (Tradução livre: A floresta orvalhada – ou úmida - na cadeia de montanhas da Serra da Estrela, Província de Sebastianopolitana (São Sebastião do Rio de Janeiro) (Figura 2) (URBAN, 1906). Tais referências indicam que os mesmos ambientes descritos por Langsdorff em seu diário — matas de encosta, áreas de cultivo de café, caminhos de serra e vales da região de Magé e Serra dos Órgãos — também foram selecionados como cenas representativas da vegetação brasileira na principal síntese botânica do período (URBAN, 1906).



Figura 1- *Silva Rorida in jugo Serra d'Estrella, prov. Sebastianopolitanae* (MARTIUS; LEBSCHÉE, c.1855) (Tradução livre: A floresta orvalhada – ou úmida - na cadeia de montanhas da Serra da Estrela, Província de Sebastianopolitana (São Sebastião do Rio de Janeiro).

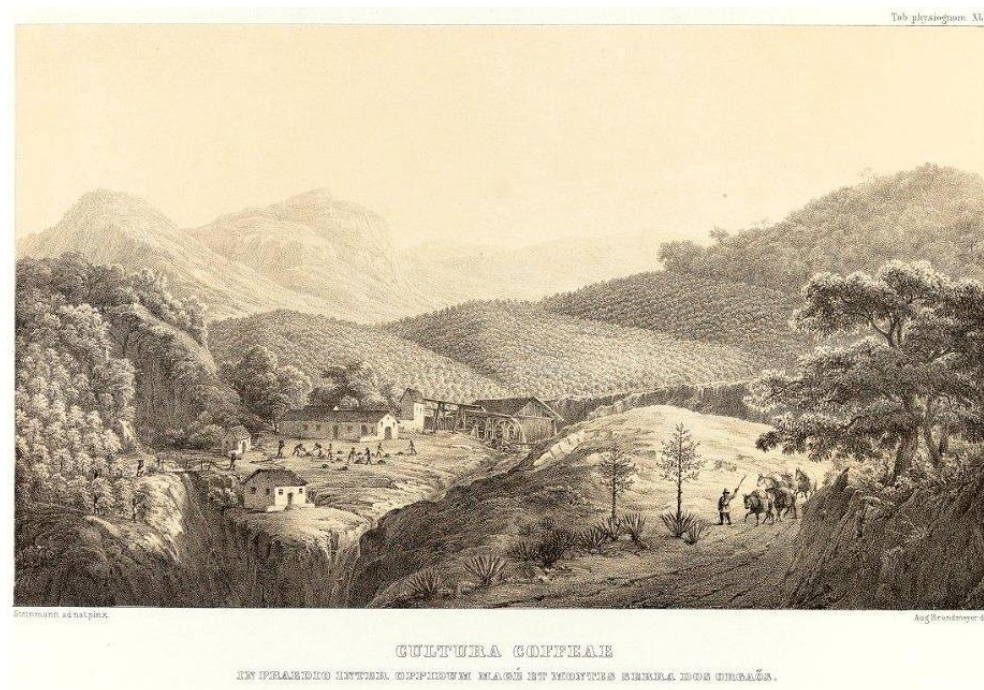


Figura 2- *Cultura Coffeae in Praedio Inter Oppidum Magé et Montes Serra dos Orgãos* (MARTIUS; STEINMANN; BRANDMEYER, c.1855) (Tradução livre: Plantação de café em uma propriedade situada entre a vila de Magé e as montanhas da Serra dos Órgãos)

No dia 14 de maio de 1824 na região da Serra da Caraça, que é um trecho da serra do Espinhaço localizado nos municípios de Catas Altas e Santa Bárbara, Minas Gerais, Langsdorff citou em seu diário:

“...Lâminas de hematita com marcas de folhas e madeira, transformadas em minérios de ferro através de mudanças telúricas de épocas recentes. Eram folhas de árvores desconhecidas, provenientes das matas próximas, como, por exemplo, o *Laurus*” (Silva 1997a).

Com base no conhecimento geológico atual do Quadrilátero Ferrífero, a descrição de Langsdorff de “lâminas de hematita” com marcas de folhas e madeira, supostamente transformadas em minério de ferro em “épocas recentes”, pode ser reinterpretada criticamente. As formações ferríferas que afloram na Serra do Caraça são rochas pré-

cambricas, formadas muito antes do surgimento das plantas terrestres, o que torna improvável a presença de fósseis vegetais incorporados durante a gênese desses minérios (DORR, 1969; ROSIÈRE & CHEMALE JR., 2000). Nesse contexto, é mais provável que Langsdorff tenha observado impressões orgânicas sub-recentes ou estruturas inorgânicas que mimetizam folhas em crostas lateríticas e cangas ferruginosas, produtos de intemperismo superficial sobre os corpos de minério (ROSIÈRE & CHEMALE JR., 2000). Além disso, os principais registros de paleofloras gondwânicas no Brasil, como as floras com *Glossopteris*, concentram-se em sucessões sedimentares paleozóicas da Bacia do Paraná, e não nas formações ferríferas do Quadrilátero Ferrífero (SCHMIDT et al., 2011), o que reforça a leitura de que os “vestígios vegetais” mencionados no diário correspondem mais provavelmente a marcas recentes ou pseudofósseis em coberturas ferruginosas superficiais.

A dimensão naturalista do diário também se articula a uma leitura crítica do território: Stehmann (1997) aponta que Langsdorff registra, em diferentes passagens, referências a fogo, supressão de matas e efeitos da mineração sobre a paisagem, além de comentários sobre trabalho e condições sociais associadas à economia mineral. Incorporar esses apontamentos à discussão fortalece a interpretação das citações botânicas como parte de uma narrativa mais ampla de transformações ambientais e exploração de recursos no período imperial, na qual plantas, solos, minérios e práticas humanas aparecem como elementos interdependentes do mesmo quadro de viagem.

Consideradas em conjunto, as citações botânicas do diário sistematizadas no Quadro 2 evidenciam que a expedição Langsdorff operou em uma zona de forte convergência entre observação de campo, coleta sistemática e circulação de espécimes. O diário, longe de ser apenas um relato de viagem, foi uma importante produção de conhecimento botânico, em que notas textuais, exsicatas e imagens se reforçam mutuamente na construção de um inventário da flora do interior do Brasil no século XIX.

Quadro 2. Plantas citadas no primeiro diário de Langsdorff com os nomes e datas de registro, família e localidade. As plantas estão organizadas por ordem de data em que aparecem no diário.

Nome citado no diário	Data	Família	Localidade
<i>Cassia</i> L.	09/05/1824	Fabaceae	Fazenda Pe. Antônio Tomás de Aquino Correia
<i>Rhexia</i> (<i>Tibouchina</i> , Aubl.)*	09/05/1824	Melastomataceae	Fazenda Pe. Antônio Tomás de Aquino Correia
<i>Ficus elastica</i> Roxb. ex Hornem (Figueira americana)	09/05/1824	Moraceae	Casa do Padre Correia
<i>Phlomis</i> L.*	09/05/1824	Lamiaceae	Próximo à casa do Padre Correia
<i>Datura stramonium</i> L.	09/05/1824	Solanaceae	Próximo à casa do Padre Correia
<i>Lobelia</i> L.*	15/05/1824	Lobeliaceae (=Campanulaceae)	Farinha, de cima da Serra
<i>Polypodium</i> L.*	15/05/1824	Polypodiaceae	Farinha, de cima da Serra
<i>Malpighia</i> L.	15/05/1824	Malpighiaceae	Farinha, de cima da Serra
<i>Ruellia</i> Plum. ex L.*	23/05/1824	Acanthaceae	Marmelo
<i>Solanum</i> L.*	23/05/1824	Solanaceae	Estiva
<i>Cecropia</i> Loefl. (Embaúba)*	23/05/1824	Urticaceae (Cecropiaceae)	Estiva
Palmeiras (Várias espécies) *	24/05/1824	Arecaceae	De Estiva para Azevedo
Ingá <i>Inga</i> Mill.*	24/05/1824	Fabaceae	De Estiva para Azevedo
<i>Eupatorium</i> L.*	25/05/1824	Asteraceae (compositae)	Perto de João Gomes
Araucária (<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze)	26/05/1824	Araucariaceae	Pinhão Novo
Aroeiras (Várias espécies) *	28/05/1824	Anacardiaceae	Fazenda de Barbacena
<i>Hyptis</i> Jacq.	28/05/1824	Lamiaceae	Fazenda de Barbacena
<i>Melastoma</i> L.*	28/05/1824	Melastomataceae	Fazenda de Barbacena
Raiz de Rubis (Amora-do-mato) Gênero da família das Rosaceae*	16/06/1824	Rosaceae	Fazenda de Hipólito e Jacinta T.P de Mello
Dama-da-noite (<i>Cestrum nocturnum</i> L.)*	09/07/1824	Solanaceae	Caminho para Aldeia da Pomba
Acácia mimosa <i>Acacia</i> Mill. *	09/07/1824	Fabaceae	Caminho para Aldeia da Pomba
Pata-de Vaca	09/07/1824	Fabaceae	Caminho para Aldeia da

<i>Bauhinia</i> *			Pomba
Jacatirões	13/07/1824	Melastomataceae	Fazenda do Vogado
<i>Miconia</i>			
<i>Cephaelis</i>	17/07/1824	Rubiaceae	Região de São Miguel
<i>ipecacuanha</i> (Brot.) A.Rich.			
<i>Joannesia</i>	20/07/1824	Euphorbiaceae	Arraial de São João
<i>princeps</i> Vell(= <i>Joannesia</i> vandelli) (Andaiaçu, Fruto-de- Arara)			Batista
<i>Ricinuscommunis</i> L. (Mamona)	20/07/1824	Euphorbiaceae	Arraial de São João
Urucu ou Orlean	21/07/1824	Bixaceae	Vizinhança de
<i>Bixa arbórea</i> Huber			Sobradinho e Ubá
<i>Pteridiumaquilinum</i> (L.) Kuhn (Samambaia)	23/07/1824	Polypodiaceae	Arredores de João
<i>Chiococca alba</i> (L.) Hitchc. (Raiz-Preta ou Cipó-Cruz)	25/07/1824	Rubiaceae	Santa Rita
<i>Aristolochia</i> L. (Mil- homens)	26/07/1824	Aristolochiaceae	Arraial da Barra do
			Bacalhau, Santana dos
			Ferros
<i>Smilax</i> L.(Raiz-da- China ou Japacanga)	26/07/1824	Smilacaceae	Arraial da Barra do
			Bacalhau, Santana dos
			Ferros
<i>Melenisminutíflora</i> P. Beauv. (Capim- melado)	01/08/1824	Poaceae	Minas Gerais, a cidade
			Imperial de Ouro Preto
Piper ou Jaborandi (mais provável que seja <i>Piper eduncum</i> L.)	15/09/1824	Piperaceae	Brumado
<i>Fragaria</i> (pode ser outra espécie)	15/09/1824	?	Brumado
<i>Epidendrum</i> L. (orquídeas)	19/09/1824	Orchidaceae	Serra de Nossa Senhora
<i>Lycopodium</i>	19/09/1824	Lycopodiaceae	da Piedade
			Serra de Nossa Senhora
			da Piedade
Mimosa (?)	19/09/1824	Fabaceae	Serra de Nossa Senhora
			da Piedade
<i>Fuchsia</i> L.	19/09/1824	Onagraceae	Serra de Nossa Senhora
			da Piedade
Malva (?)	19/09/1824	Malvaceae	Serra de Nossa Senhora
			da Piedade
<i>Chiococca altera</i> (= <i>Chiococca alba</i> (L.) Hitchc. (raiz-preta-do-mato)	05/10/1824	Rubiaceae	Santa Luzia

Barbatimão (<i>Stryphnodendron adstrigens</i> (Mart.) Coville)*	05/10/1824	Fabaceae	Santa Luzia
Angico (<i>Anadenanthera macrocarpa</i> (Benth.) Brenan)*		Fabaceae	Santa Luzia
Jabuticaba (<i>Plinia peruviana</i> (Poir.) Govaerts (sinônimo: <i>Myrciaria trunciflora</i> O. Berg)*	15/10/1824	Myrtaceae	Santa Luzia
Guaco (<i>Mikania</i> sp.)*	03/11/1824	Asteraceae	Vizinhança do Rio das Velhas
Taboca (bambu)		Poaceae	Vizinhança do Rio das Velhas
Angelina (<i>Andira humilis</i> Mart. ex Benth.)*	05/11/1824	Fabaceae	Vizinhança do Rio das Velhas
Mangabeira (<i>Hancornia speciosa</i> Gomes)*	14/11/1824	Apocynaceae	Rio Preto
Cactus melocactus (<i>Discocactus placentiformis</i> (Lehm.) K. Schum.)*	16/11/1824	Cactaceae	Serra da Lapa
Sauvagesia (<i>Sauroglossum</i>)*	16/11/1824	Ochnaceae	Serra da Lapa
<i>Eriocaulon</i> L.*	16/11/1824	Eriocaulaceae	Serra da Lapa
Vello (<i>Vellozia</i> , Vand)*	16/11/1824	Velloziaceae	Serra da Lapa
Barbacenia (<i>Barbacenia</i> Vand.)	16/11/1824	Velloziaceae	Serra da Lapa
Banister (?)	16/11/1824	?	Serra da Lapa
Ribes (?)	16/11/1824	?	Serra da Lapa
Cainca <i>Chiococca alba</i> (L.) Hitchc.*	17/11/1824	Rubiaceae	Serra da Lapa
Chá-de-Pedestre (<i>Lippia corymbosa</i> Cham.)*	17/11/1824	Verbenaceae	Serra da Lapa
Hortelã-pimenta (<i>Lantana</i> ou <i>Tanacetum</i>)*	17/11/1824	Verbenaceae ou Asteraceae	Serra da Lapa
<i>Hydrocotyle</i> L.*	17/11/1824	Araliaceae (=Apiaceae)	Serra da Lapa
Aloe	02/12/1824	?	Serra da Lapa
Psidium ou “Guariroba”	04/12/1824	Myrtaceae	Soares- Maria Francisca

(*Campomanesiaadam*
antium(Cambess.)
O.Berg)*

Jatobá (<i>Hymenaeaspp.</i>)*	08/12/1824	Fabaceae	Congonhas
Buriti (<i>Mauntia</i> <i>flexuosa</i> L.F.)*	18/12/1824	Arecaceae	Tijuco
Genipa ou Genipapo (<i>Genipa americana</i> L.)*	31/12/1824	Rubiaceae	Bandeirinhas
Carnaúba <i>Coperniciaprunifera</i> (Miller) H.E. Moore*	14/01/1825	Arecaceae	Riacho Fundo
Gurintíuba (<i>Trema</i> <i>micranta</i> (L.) Blume)*	15/01/1825	Ulmaceae	Fazenda do Sr. Major João Pinto Moreira
Palmeiras-macaúba (<i>Acrocomiaaculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.)*	17/01/1825	Arecaceae	Lages
Coco-de-Indaiá (<i>Attaleadubia</i> (Mart.) Burret)*	12/02/1825	Arecaceae	Fazenda dos coqueiros

*Revisão botânica e atualização nomenclatural das espécies citadas nos diários de Langsdorff elaboradas pelo Prof. Dr. João Renato Stehmann (SILVA, 1997a).

Em diversas passagens, Langsdorff descreve o uso de espécies medicinais usadas pela população e pelos povos originários. Entre elas, destaca-se *Mikania*, conhecido como Guaco, utilizado contra tosse e como expectorante. Menciona também o *Lycopodium*, conhecido como pinheirinho, empregado tanto para fins medicinais quanto ornamentais. O Chá-de-Pedestre, considerado um alívio para os tropeiros, era utilizado no tratamento de dores e como escalda pés. A Raiz-da-China aparece como antissifilítica, enquanto o Jaborandi é descrito como anti-inflamatório e diurético. Mil-Homens é citado como eficaz em casos de febre e picada de cobras. Já aIpecacuanha é mencionada como vomitiva (em casos de ingestão de substâncias tóxicas), além de atuar contra tosse, como expectorante e amebicida.

Langsdorff também registrou espécies de interesse alimentar, entre elas um representante de *Psidium*, descrito pelos frutos comestíveis apreciados. Na nota botânica correspondente, Stehmann (1997) relaciona tal registro à denominação ‘guariroba’; entretanto, essa atribuição não se sustenta com precisão no plano botânico, visto que esse nome vernacular é correntemente associado à palmeira *Syagrus oleracea* (JORGE et al., 2021).

Além disso, o autor assinala que distintas espécies de *Campomanesia* (Myrtaceae), também produtoras de frutos comestíveis muito apreciados, são regionalmente designadas pelo mesmo nome, sugerindo *Campomanesiaadamantium* como a hipótese de identificação mais consistente para o táxon mencionado.

Langsdorff também registrou espécies de interesse alimentar, entre elas, o *Psidium* (“Guariroba”), cujos frutos comestíveis eram muito apreciados, e o Genipapo, utilizado na fabricação de doces e licores. No entanto, ‘guariroba’ não corresponde, do ponto de vista botânico, a uma espécie de *Psidium*, mas sim à palmeira *Syagrus oleracea*; por isso, a denominação no manuscrito provavelmente representa uma confusão gráfica ou vernacular, possivelmente com ‘guabiroba/guaviroba’ (JORGE et al., 2021). O naturalista cita ainda o Ingá, cujo fruto é uma vagem com polpa branca, adocicada e comestível e o Murici amplamente conhecido por seus frutos comestíveis.

A recorrência de usos terapêuticos no diário é coerente com a ênfase atribuída às plantas medicinais nas notas botânicas do volume, que destacam a importância dessas espécies em contextos de circulação de “drogas do mato” e de práticas de cura no interior (STEHMANN, 1997). Nesse sentido, as citações botânicas não apenas informam sobre diversidade florística, mas também registram relações sociais de conhecimento e apropriação de recursos vegetais, um aspecto fundamental para interpretar a botânica de viagem no Brasil imperial.

Um caso particularmente expressivo é o da ipeca (*Cephaelis ipecacuanha* (Brot.) A.Rich., sin. *Carapichea ipecacuanha* (Brot.) L. Andersson), cuja obtenção aparece nos registros como difícil e associada à baixa disponibilidade local. Ao analisar esse episódio, Stehmann (1997) observa que Langsdorff teve dificuldade para conseguir a planta completa e que, depois de quatro horas de procura na floresta, a expedição obteve apenas um único exemplar, interpretando o episódio como sinal de rarefação vinculada à coleta indiscriminada. Essa leitura converge com Saint-Hilaire (2014), que observou que a espécie já havia desaparecido das imediações do Rio de Janeiro e que, mantido o ritmo de extração e destruição das matas, “não tardará a se tornar rara”. Ao incorporar esse registro à análise, evidencia-se que a expedição também documenta dinâmicas de exploração e disponibilidade de recursos, antecipando discussões contemporâneas sobre pressão de coleta e vulnerabilidade de populações vegetais naturais.

Em 9 de julho de 1824, durante a sua jornada por Minas Gerais, Langsdorff registrou a escassez de suprimentos de escrita, o que o levou a utilizar recursos botânicos locais como alternativa. O naturalista anotou: “exprimi alguns bagos de *Cestrum* no meu pequeno tinteiro”

(SILVA, 1997a). Neste artigo, a nota editorial n.º 57 associa o gênero *Cestrum* a espécies ornamentais, citando especificamente *Cestrum nocturnum* (dama-da-noite) como exemplo. No entanto, a análise comparativa com registros etnobotânicos do gênero no Brasil sugere uma hipótese distinta. A espécie *Cestrum laevigatum* Schltdl. (frequentemente considerada sinonímia de *Cestrum axillare* Vell.) é historicamente descrita pelas suas propriedades tintoriais, sendo referida como fonte de tinta preta (BRANDÃO et al., 2012). Considerando que *C. laevigatum* possui ocorrência documentada para a região de Minas Gerais (REFLORA, 2025) percorrida pela expedição, esse episódio constitui uma evidência relevante do uso utilitário de espécies do gênero *Cestrum*. Assim, a determinação específica (ex.: *C. nocturnum* vs. táxons afins como *C. axillare*) deve ser tratada como uma hipótese a ser discutida à luz da sinonímia taxonômica e da distribuição fitogeográfica regional.

Em 16 de novembro de 1824, Langsdorff registrou em seu diário a transição fitofisionômica observada ao atingir as áreas de altitude da Serra da Lapa, em Minas Gerais. O naturalista destacou a singularidade da flora local, mencionando a presença de gêneros como *Rhexia*, *Eriocaulon* e *Sauvagesia* em vales úmidos (SILVA, 1997a). A veracidade desta observação é corroborada pelos registros de herborização de Ludwig Riedel depositados em coleções científicas. Através da plataforma Re flora, identificam-se espécimes coletados nesta localidade, a exemplo da *Leiothrix crassifolia* Ruhland (Eriocaulaceae). Um dos exemplares desta coleta (Riedel 1413) encontra-se atualmente depositado no Botanischer Garten und Botanisches Museum Berlin-Dahlem (B 100244377) (REFLORA, 2025), servindo como testemunho material do inventário botânico realizado pela expedição".

Além das incertezas nomenclaturais, deve-se considerar a materialidade da coleta e da conservação das amostras durante a viagem. As notas botânicas do volume enfatizam procedimentos de prensagem, secagem e manutenção de material herborizado sob condições adversas de deslocamento, umidade, travessias e limitações logísticas (STEHMANN, 1997). Essas circunstâncias podem ajudar a explicar assimetrias entre plantas citadas no diário e exemplares hoje rastreáveis em bases digitais. Nem toda menção implica, necessariamente, a preservação bem-sucedida de uma exsicata. Parte do material pode ter sido perdida, dispersa ou registrada de modo incompleto ao longo do trajeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das citações botânicas presentes no primeiro diário de campo de Langsdorff permitiu evidenciar que esse documento ultrapassa a condição de simples relato de viagem, configurando-se como fonte relevante para a compreensão da produção de conhecimento

botânico no Brasil oitocentista. Ao reunir nomes vernáculos e científicos, descrições de ambientes, indicações de usos e observações sobre ocorrência e disponibilidade de espécies, o diário registra uma experiência de campo marcada pela articulação entre observação direta, coleta sistemática e circulação de saberes locais. Nesse sentido, os registros botânicos revelam não apenas a diversidade vegetal encontrada ao longo do percurso entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais, mas também a forma como essa diversidade foi percebida, organizada e incorporada ao olhar naturalista da expedição. A heterogeneidade dessas menções, longe de representar fragilidade documental, expressa o próprio caráter multifacetado das práticas científicas desenvolvidas em viagem.

Os resultados também mostram que o diário constitui uma fonte fértil para o diálogo entre história das ciências, história ambiental e história da botânica, ao permitir relacionar inventário florístico, transformação das paisagens e usos sociais das plantas. As referências a espécies medicinais, alimentares e utilitárias, assim como os apontamentos sobre escassez, coleta e condições ambientais, evidenciam que a expedição registrou dinâmicas de exploração e disponibilidade de recursos vegetais em um contexto de intensificação da circulação de espécies e de conhecimentos sobre a natureza brasileira. Além disso, a aproximação entre o texto do diário, a revisão botânica de Stehmann e os dados atualizados do Re flora mostrou-se fundamental para reavaliar a nomenclatura, discutir identificações e situar historicamente os registros de Langsdorff e Riedel. Desse modo, o estudo reafirma a importância dos diários de viagem como documentos centrais para compreender a construção histórica do saber botânico e das representações sobre a flora brasileira no século XIX.

REFERÊNCIAS

BANCO DO BRASIL. **Expedição Langsdorff**. Tradução: VikBirkbeck, Elena Vássina, David Gonzalez e Fernanda Felisberto. Rio de Janeiro: Trena, 2010. 247 p. E-book. Disponível em: <https://www.bb.com.br/docs/pub/inst/dwn/Langsdorff.pdf>. Acesso em: 19 set. 2022.

BRAGA, M. P. Langsdorff no Brasil. **T.E.X.T.O.S. DE H.I.S.T.Ó.R.I.A.** Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UnB, v. 1, n. 1, p. 124-138, 1993.

BRANDÃO, Maria das Graças Lins; PIGNAL, Marc; ROMANIUC, Sergio; GRAEL, Cristiane F. F.; FAGG, Christopher W. Useful Brazilian plants listed in the field books of the French naturalist Auguste de Saint-Hilaire (1779–1853). **Journal of Ethnopharmacology**, v. 143, n. 2, p. 488–500, 2012. DOI: 10.1016/j.jep.2012.06.052.

DANTES, Maria Amélia M. (org.). **Espaços da ciência no Brasil: 1800-1930**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001. 202 p. (Coleção História e Saúde). Disponível em:

<https://books.scielo.org/id/fkbbh/pdf/dantes-9786557081570.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2025. DOI: 10.7476/9786557081570.

DORR II, J. V. N. **Physiographic, stratigraphic and structural development of the Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais, Brazil**. Washington, D.C.: U.S. Geological Survey, 1969. (Professional Paper, 641-A). Disponível em: <https://pubs.usgs.gov/pp/0641a/report.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2025.

JORGE, Ana P. P.; FERREIRA JUNIOR, Weder N.; SILVA, Lígia C. de M.; OLIVEIRA, Daniel E. C. de; RESENDE, Osvaldo. Drying kinetics of ‘gueroba’ (*Syagrus oleracea*) fruit pulp. **Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental**, Campina Grande, v. 25, n. 1, p. 23-29, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-1929/agriambi.v25n1p23-29>.

KOMISSAROV, Boris. **Da Sibéria ao Amazonas: a vida de Langsdorff**. Brasília: Editora Langsdorff, 1992.

LUVIZOTTO, Rodrigo. **Os diários de Langsdorff: prelúdios paisagísticos**. 2012. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.8.2012.tde-26022013-120021>. Acesso em: 21 nov. 2025.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von; LEBSCHÉE, Carl August. **Silva Rorida in jugo Serra d’Estrella, prov. Sebastianopolitanae**. Gravura (litografia a duas cores sobre papel), c. 1855. Acervo de Iconografia, Instituto Moreira Salles. Coleção Brasileira Iconográfica.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von; STEINMANN, Johann Jacob; BRANDMEYER, A. **Cultura Coffeae in Praedio Inter Oppidum Magé et Montes Serra dos Orgãos**. Gravura, c. 1855. Acervo de Iconografia, Instituto Moreira Salles. Coleção Brasileira Iconográfica.

MELNIXENCO, V. C. A Planta Mater: Expedição Langsdorff em Nova Friburgo. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA, 1., 10-13 maio 2011, Paraty. **Anais eletrônicos...** [Belo Horizonte: UFMG], 2011. Disponível em: https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/MELNIXENCO_VANESSA_CRISTINA.pdf. Acesso em: 23 ago. 2021.

REFLORA, PROGRAMA. **Jardim Botânico do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, [2022]. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 20 dez. 2025.

ROSIÈRE, C. A.; CHEMALE JR., F. Brazilian iron formations and their geological setting. **Revista Brasileira de Geociências**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 274-278, 2000. Disponível em: <https://papegeo.igc.usp.br/portal/wp-content/uploads/taianacan-items/15906/43022/10709-12866-1-SM.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2025.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Plantas usuais dos brasileiros**. Organização de Marc Pignal e Maria das Graças Lins Brandão. 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014. Cap. *Cephaelis ipecacuanha*, p. 45-46. Disponível em: <https://www.ufmg.br/mhnbj/ceplamt/wp-content/uploads/2014/02/miolo01032014final.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2026.

SCHMIDT, I. D.; GUERRA-SOMMER, M.; BERNARDES-DE-OLIVEIRA, M. E. C. Variation in stomatal numbers of *Glossopteris* leaves from the Lower Permian of Paraná Basin, Brazil. **Revista Brasileira de Paleontologia**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 137-148, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.4072/rbp.2011.2.02>. Acesso em: 25 nov. 2025.

SILVA, André Luiz Gomes da; ARAÚJO, Amanda Almeida de. A importância dos escravizados nas expedições naturalísticas de Langsdorff no interior do Brasil (1824–1829). **Revista Convergência Crítica**, v. 2, n. 22, p. 173–188, 2022.

SILVA, Danilo Gil Bernadino (org.). **Os diários de Langsdorff**. v. 1. Tradução: Márcia Lyra Nascimento et al. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997a. 400 p. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/q5cc4>. Acesso em: 25 nov. 2024.

SILVA, Danilo Gil Bernadino (org.). **Os diários de Langsdorff**. v. 2. Tradução: Márcia Lyra Nascimento et al. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997b. 333 p. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/hwhyp>. Acesso em: 25 nov. 2024.

SILVA, Danilo Gil Bernadino (org.). **Os diários de Langsdorff**. v. 3. Tradução: Márcia Lyra Nascimento et al. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997c. 295 p. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/pt88n/pdf/silva-9788575412466.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2025.

SILVA, M. B. L. Langsdorff em Inhomirim. **Pilares da História**, v. 3, n. 5, p. 53-68, 2005.

STEHMANN, João Renato. Notas botânicas. In: SILVA, Danilo Gil Bernardino (org.). **Os diários de Langsdorff**. v. 1. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997. p. XXIII–XXVI.

URBAN, Ignaz. Vitae itineraque collectorum botanicorum, notaecollaboratorumbiographicae, Florae Brasiliensis ratioedendichronologica, systema, index familiarum. In: MARTIUS, C. F. P. von; EICHLER, A. G.; URBAN, I. (eds.). **Flora Brasiliensis**. v. 1, parte 1 (Pars I). Munique; Leipzig: R. Oldenbourg, 1906. p. 1–268.